

A COVID-19 E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NO/DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE RIACHO DE SANTANA/BA

Antonio José de Souza¹, Heron Ferreira Souza²
Antônio Domingos Moreira³, Ana Maria Anunciação da Silva⁴

¹Doutorando do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal). Professor da Educação Básica do município de Itiúba (Ba). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: tonnysouza@gmail.com

² Doutor em Educação (Unicamp). Professor efetivo do Instituto Federal Baiano, *campus* Serrinha. Professor no Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT. E-mail: heroinfabaiano@gmail.com

³ Mestre em Educação (UESB). Professor da Educação Básica do município de Riacho de Santana (Ba). E-mail: tony.dom1987@gmail.com

⁴ Pedagoga. Especialista em Educação do Campo (IFBaiano/Serrinha). Professora da Educação Básica do município de Ichu (Ba). E-mail: annaichu@hotmail.com

Resumo: Este trabalho buscou discutir e problematizar os desafios e possibilidades que, no contexto de quarentena e pandemia, se apresentam à escola, ao (à) educador (a) do campo/roça e, conseqüentemente, às famílias para garantirem o processo educativo escolar dos(as) educandos(as). A investigação foi realizada com profissionais da educação no município de Riacho de Santana – Bahia. Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa que se baseou em relatos de experiências da equipe pedagógica e gestores (a)s, de forma específica, ficou evidenciado que os desafios postos às escolas do campo/roça não são apenas tecnológicos; são, principalmente, políticos.

Palavras-chave: Pandemia, “EaD emergencial”, Escola do Campo/roça, Relatos de experiências.

1. Notas sobre um tempo estranho

No momento em que esse estudo se torna palavra, tem-se a sensação exata do cansaço emocional fruto de uma reclusão compulsória em decorrência à Covid-19. Trata-se de um tempo bastante insólito, pois, como diz o sábio adágio popular: “desgraça pouca é bobagem”, aludindo o pessimismo de que tudo pode ficar pior (e estar). Afinal, estão misturados à catástrofe sanitária, a beligerância escatológica do governo bolsonarista, o negacionismo dos seus asseclas e o culto ao famigerado fármaco “clo-roquina” que, sem evidência científica, foi alçado ao patamar de um elixir da vida, ou seja, uma panaceia brasileira que ao invés de curar a doença, permite a morte de muitos e tantos de nós.



É no curso dessa crônica bestial, onde as marcas constitutivas da sociedade “global” alcançam o “local”, que o presente estudo pretende discutir acerca dos desafios e perspectivas da Educação no/do Campo no município de Riacho de Santana/Bahia, um município brasileiro do estado da Bahia situado no Território de Identidade do Velho Chico, que vem sofrendo com os efeitos da pandemia do novo coronavírus, pois o atual momento trouxe à luz um contexto educacional que expõe as vísceras das profundas desigualdades sociais nesse Brasil de dimensões agigantadas e realidades variadas. Portanto, se as escolas dos grandes centros desse país estão tendo dificuldades em lidar com os efeitos pandêmicos, o que estará acontecendo nas escolas do campo/roça⁵ dos nossos rincões?

2. Educação no/do Campo e os impasses em tempos da Covid-19

No município de Riacho de Santana a paralisação das aulas ocorreu no dia 18 de março, através do decreto municipal n.º 62 de 17 de março de 2020. O documento, entre outras coisas, falava do risco da propagação da Covid-19 entre o (a)s educandos (a)s e profissionais da educação (BAHIA, 2020). Com isso, várias medidas foram adotadas pela gestão municipal a fim de evitar ou minorar a disseminação do vírus. As mudanças ocasionadas pela pandemia do novo coronavírus chegaram de modo abrupto, causando isolamento compulsório e, por isso, faz-se necessário o aprofundamento do debate sobre o ensino e a aprendizagem, pois, não é o fato da escola estar de “portas fechadas” que ela tenha deixado de existir. Ela existe, em tese, como “escola doméstica”, “cravada” na rotina familiar, entre aulas feitas online e exercícios pelo WhatsApp mediados por pais “tutores” numa espécie de Educação a Distância (EaD) “emergencial”. À vista disso, reconhecemos a urgência em encontrar alternativas que mantenham, de alguma forma, as escolas no campo/roça funcionando, mas “[...] através da institucionalização de políticas públicas, [...] assim como, a superação da dicotomia campo/roça e cidade, em que nessa ‘queda de braço’ o campo/roça é pautado e classificado como atrasado, desprovido de conhecimento [...]” (SANTOS; SOUZA, 2020, p. 40).

⁵ A importância da palavra “roça” para este estudo sobrevém da compreensão de uma “ruralidade específica” vinculada, sobretudo, à semiótica da terra (RIOS, 2011).



Por isso, este estudo propõe a seguinte questão: i) Quais os desafios e possibilidades que, no contexto de quarentena e pandemia se apresentam à escola do campo, ao (à) educador (a) do campo/roça do ensino básico da escola pública e, conseqüentemente às famílias para garantirem o ensino e aprendizagem do (a)s educandos (a)s? Obviamente que tal questão perpassa por problematizações em torno das condições de garantia do processo educativo escolar a partir da “EaD emergencial”, as capacidades técnico-pedagógicas do (a)s professores (a)s e a família enquanto elo entre professores (a)s/escola e estudantes. No intuito de encontrar as respostas para as questões acima, foram enviadas perguntas, via WhatsApp, entre os dias 05 a 20 de maio de 2020; mas, considerando a realidade das escolas no campo/roça do município supracitado, com elevado quantitativo de profissionais vinculados (a)s por contratos empregatícios temporários, tivemos pouco retorno dos convites de participação na pesquisa. Além disso, consideramos outros implicadores próprios e decorrentes da pandemia que sobrecarregou o trabalho desses (a)s profissionais, desestimulando-o (a)s à participação.

De todo modo, tivemos o retorno de 3 coordenadores (a)s pedagógicos (as), 3 gestores(as) escolares e 1 professor. A fim de resguardar as identidades do (a)s participantes, preferimos chamá-los (a)s por nomes e sobrenomes fictícios retirados da flora da caatinga. Considerando as especificidades desses (a)s educadores (a)s das escolas do campo/roça, a pesquisa evidenciou que a maior parte, entre o (a)s entrevistado (a)s, aderiu ao ensino remoto. Posteriormente, a Secretaria municipal de Educação de Riacho de Santana (SEDUC) disponibilizou uma plataforma no site da prefeitura, para que o (a)s educadores (a)s ao acessarem encontrassem direcionamentos de atividades pedagógicas para cada modalidade de ensino. No entanto, o êxito desse instrumento dependerá de muitos aspectos. O primeiro refere-se à habilitação e familiaridade do (a)s educadores (a)s em utilizá-lo. O segundo aspecto diz respeito ao acesso aos aparatos tecnológicos, pois, sabe-se, que alguns docentes têm o mínimo de equipamento tecnológico, além disso, há uma partilha desses dispositivos com os demais membros da família. Sobre essa realidade a professora Ana M^a Franco (2020, *online*), em sua conferência ministrada no Congresso Nacional Universidade EAD e



Software Livre 2020.1 (UEADSL)⁶ – intitulada: Noção de pertencimento e diminuição da Distância Transacional: caminhos para a EaD; diz o seguinte: “[...] a EaD emergencial vem sendo praticada com o máximo de esforço dos professores, com tudo caseiro e sem recursos. [...] Vemos professores se arriscando em AVAs, em plataformas de criação de atividades [...]”.

Nas entrevistas feitas ao (à)s gestores (a)s, coordenadoras pedagógicas e ao professor, perguntou-se sobre a situação da escola diante das aulas remotas, sobre o contingente de alunos (a)s alcançado (a)s com as atividades, como essas atividades estão sendo feitas e como o (a)s aluno (a)s têm reagido. O compilado das respostas se aproxima do que fora dito por Franco (2020, *online*). A gestora **Maria Macambira**, ressalta: “[...] estamos executando as aulas à distância via WhatsApp, [...] tem aluno que não consegue, [...] os alunos se sentem cansados, [...] fica difícil [...] mas vamos pensar o tempo todo de forma positiva que a gente vai conseguir, né?”. Na fala a gestora demonstra um certo contentamento que parece ser mais pelo cumprimento aos direcionamentos dados pela SEDUC do que necessariamente pelo pretensão bom resultado da ação pedagógica. Já o gestor **Pedro Umburana**, diferente de Maria, deixa evidenciado o retorno precário das atividades, afirmando que: “[...] encaminharam algumas atividades via WhatsApp, mas não foi muito satisfatório [...], principalmente do retorno [...] a grande parte, não tem celulares e computadores para fazer as atividades [...]”. A coordenadora **Rita de Jitirana** confirma essa limitação digital ao dizer: “[...] as dificuldades das escolas do campo, são enormes, a gente não consegue atingir os 100%, [...] têm alguns alunos que não tem WhatsApp, não tem rede social, não tem internet em casa [...]”, lançando luz nas dificuldades das escolas do campo/roça que, sem a pandemia, já eram sobressalentes, mas que são agigantadas por não conseguir alcançar todo o (a)s aluno (a)s.

⁶ O Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre (UEADSL) é um evento acadêmico semestral, online e gratuito, promovido pelo Texto Livre, um grupo de pesquisa, ensino e extensão vinculado à Faculdade de Letras (Fale) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O Congresso Nacional UEADSL 2020.1 aconteceu no dia 01 a 07 de junho de 2020 pela plataforma ueadsl.textolivre.pro.br.

As escolas multisseriadas⁷ também exigem estratégias específicas, conforme narra a gestora **Bromélia Silva**: “[...] trabalhamos de forma multisseriada, [...] por conta da Covid-19, o trabalho teve que ser modificado, [...] começamos um trabalho árduo de investigação para decidirmos a melhor forma de trabalho [...]”. Essas circunstâncias pandêmicas são as causas do abatimento angustiante descrito pela coordenadora **Flor Jurema**: “[...] o que mais me entristece e o que mais me angustia no momento, é não está podendo ajudar esses alunos distantes da nossa unidade escolar pois muitos não têm energia em casa [...]”. Diante de graves impedimentos é quase impossível não se sentir impotente e apesar de qualquer persistência, o que fica é a sensação de insuficiência por não poder ajudar os estudantes e pais que não têm acesso à internet, desse emaranhado de ditos que são enredados por pessoas diferentes, mas imbricadas num mesmo contexto deveras confuso, isto é, o de quarentena e pandemia; emergem os desafios vividos ou fortemente explicitados para as escolas do campo/roça, educadores (a)s e as famílias do (a)s estudantes (a)s.

Definitivamente, precisaríamos ter tido um outro modelo de formação docente, inicial e continuada, sobretudo, nas escolas do campo/roça. Nessa perspectiva, o professor Antonio José de Souza (2020, *online*), participando da Mesa de Debate: Pensamento computacional em foco: uma discussão com professores da Escola Básica – conferência ministrada pela pesquisadora Fernanda Monzato no Congresso Nacional UEADSL 2020.1 –, relatou-nos: “[...] meu conhecimento computacional é oriundo de um investimento e esforço pessoal [...] muitos professores foram pegos de surpresa, sem preparo para lidar com o tecnológico e sem o acesso aos aparatos mínimos.”. Coadunado com tal panorama a coordenadora **Ipê de Jesus**, relata que “[...] nesse momento tão difícil [...], tenho conduzindo as atividades praticamente sozinha, tem só um professor efetivo nessa unidade escolar [...]”. O que pode ser genuinamente feito quando, no período que mais se necessita de uma equipe, uma força-tarefa, professores (a)s tenham sido dispensado (a)s, pois eram contratado (a)s em regime temporário.

⁷ A escola multisseriada, segundo Souza (2018, p. 24), é “[...] uma forma de estruturação de ensino na qual o/a docente trabalha, na mesma sala de aula, com várias séries do Ensino Fundamental, simultaneamente, atendendo a aluno (a)s com idades e níveis de conhecimento diferentes.”.



Realidade confirmada pelo único professor entrevistado nesse estudo, o professor **José Carnáuba** que, apesar de ter sido desobrigado das suas funções, pois teve seu contrato interrompido pela SEDUC, colocou-se à disposição da escola, “[...] fiquei à disposição do colégio, criamos um grupo [...] eu acho que não está sendo bem conduzidas as atividades. Falta um pouquinho de mobilização [...]. A diretora não está exigindo, porque [...] o contrato foi suspenso”. Desse modo, parece-nos haver uma contradição, afinal, a gestora **Bromélia Silva**, conta-nos sobre a existência de “[...] um trabalho árduo de investigação de como [poderia ser feito o pedagógico] nesse período, para que não [perdessem] o foco da aprendizagem [...]”. De acordo com Bromélia, ela tem obtido orientações da SEDUC “[...] onde se reuniu toda a pasta da educação [...]” a fim de viabilizar o trabalho pedagógico remoto. No entanto, o que tem sido eloquente nos demais relatos é a inexistência da SEDUC (quer dizer, um braço significativo do Poder Público) como o elo competente entre docente-discente e escola-família.

As falas, na sua maioria, revelam-nos um trabalho solitário sem ajuda efetiva do Poder Público, sem acesso aos bens tecnológicos (que podem sim, manter o engajamento do (a)s alunos, diminuindo distâncias e desânimos) e sem a formação adequada. Nesse sentido, a SEDUC precisa ser presença para além das emissões de decretos oficiais e notas de orientação. Muito do que é destinado à educação, enquanto Política Pública, é oriundo da vontade política, à vista disso, o Poder Público do município de Riacho de Santana terá condições, em tempos pandêmicos e marcado por crises e beligerâncias por parte do Governo Federal, de minorar esse fosso histórico?

3. Em suma

As evidências apontadas neste trabalho, através dos relatos do (a)s entrevistados (a)s, demonstram os desafios enfrentados pelos (a)s profissionais da educação, estudantes e famílias do campo/roça nesse momento de pandemia, mas também evidenciam a necessidade de nos debruçarmos e recolocarmos, de forma relacional, as discussões sobre o processo de escolarização, o acesso às tecnologias de informação e comunicação e aos direitos básicos pelos povos do campo/roça. O



projeto político da Educação do Campo está centrado, primeiramente, no direito da população do campo/roça se escolarizarem no campo/roça, no espaço imediato de reprodução da vida, onde se produz saber, cultura, identidade, de forma que englobe a dimensão do vivido, do local, a história, a memória, a identidade e as lutas dos povos do campo/roça como ponto de partida para uma leitura crítica do mundo.

O atual momento marcado pela pandemia explicita em seus diferentes graus a precarização das escolas no campo/roça, como evidenciado no município de Riacho de Santana, Bahia. Não seria pertinente reduzir o processo educativo escolar à mera mediação tecnológica, mas também seria equivocado negar a importância do acesso aos recursos tecnológicos de informação e comunicação ou não pensar suas possibilidades para a potencialização do fazer pedagógico e as relações sociais na contemporaneidade.

Referências

BAHIA. Prefeitura municipal de Riacho de Santana. **Decreto n.º 62 de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre medidas temporárias de prevenção e controle para enfrentamento do coronavírus (covid-19) - suspensão de aulas das redes de ensino do município de Riacho de Santana, Bahia. Disponível em: <<http://www.riachodesantana.ba.gov.br/coronavirus#conteudo>>. Acesso: 20 ago. 2020.

FRANCO, Ana Maria. Noção de pertencimento e diminuição da Distância Transacional: caminhos para a EaD. **Congresso Nacional Universidade EAD e Software Livre 2020.1 (UEADSL)**, UFMG, Belo Horizonte, 01/02, jun. de 2020. Palco das Conferências. Disponível em: <<https://eventos.textolivre.org/moodle/mod/forum/discuss.php?d=863>> Acesso em: 10 ago. 2020.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Ser e não ser da roça, eis a questão!** Identidades e discursos na escola. Salvador: EDUFBA, 2011.

SANTOS, Marilucia de Jesus Santana; SOUZA, Antonio José de. Formação docente na educação do campo/roça: o desafio da ocupação do espaço social e escolar “urbano-centrado”. In: SOUZA, Antonio José de; SOUZA, Heron Ferreira. **Educação no/do Campo**: entre o concebido, percebido e vivido. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 39-58.

SOUZA, Antonio José de. Mesa de Debate. In: MONZATO, Fernanda. Pensamento computacional em foco: uma discussão com professores da Escola Básica. **Congresso Nacional Universidade EAD e Software Livre 2020.1 (UEADSL)**, UFMG, Belo Horizonte, 02, jun. de 2020. Palco das Conferências. Disponível em: <<https://eventos.textolivre.org/moodle/mod/forum/discuss.php?d=770>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SOUZA, Antonio José de. **O já-dito e não-dito acerca das identidades e cultura afro-brasileira**: histórias de vida-formação-profissão dos docentes de classes multisseriadas. Curitiba: CRV, 2018.